

GRUPO DE LEITURAS “[SEMPRE UM LIVRO](#)”

TEXTO-ANÁLISE**

Ivan Bilheiro*

MORRIS, Desmond. **O macaco nu**: um estudo do animal humano. 13. ed. Tradução de Hermano Neves. Rio de Janeiro: Record, 1996.

*Muita gente não gosta de pensar que somos animais. E podem dizer que eu avilto a nossa espécie quando a descrevo em rudes termos animais. Posso apenas afirmar que não é essa a minha intenção. Outros ofender-se-ão pelo fato de um zoólogo se intrometer nos seus campos especializados. Mas eu admito que essa perspectiva poderá ter grande valor e que, apesar de todos os defeitos, introduzirá novos (e de certa maneira inesperados) esclarecimentos sobre a natureza complexa da nossa extraordinária espécie.
Desmond Morris (p. 10)*

Segundo a introdução (p. 7-10) de *O macaco nu*, do zoólogo [Desmond Morris](#), existem atualmente 193 espécies de macacos e símios¹, dentre as quais há uma exceção: um símio pelado que se autoneia “*homo sapiens*”. É sobre esta “insólita e próspera espécie” (p. 7) que Morris se debruça na referida obra. De acordo com o autor, as pesquisas em geral não tratam das motivações fundamentais do “bicho-homem”, animal que efetivamente é, e este é seu propósito porque, embora cause certo embaraço, a condição animal do homem não o abandona.

A orientação darwinista de Desmond Morris fica clara ao longo de todo o desenvolvimento de seu texto, e é mesmo significativo que, nos agradecimentos do livro, figure o nome de Sir Julian Huxley, “adepto convicto da teoria de Darwin” (HUXLEY, 1977, p. 11) e neto de T. H. Huxley, conhecido como “o Buldogue de Darwin”, por ter sido um dos principais (e mais ferrenho) divulgador da teoria da evolução das espécies.

Como “amostragem” para suas análises, Morris toma o grosso da típica sociedade ocidental, com destaque para a sociedade norte-americana. Segundo ele,

o macaco pelado é essencialmente uma espécie exploradora, e toda a sociedade que não foi capaz de avançar constitui um fracasso e “seguiu um caminho errado”. Por alguma razão se manteve atrasada, algo se opôs às tendências naturais da espécie para explorar e investigar o mundo que a rodeia (p. 8).

** Este texto, que intenta apresentar um amplo leque de questões discutidas na obra *O macaco nu*, com foco naquelas mais destacadamente peculiares à visão zoológica, tem um duplo propósito: servir de subsídio às discussões do Grupo de Leituras Sempre um Livro, bem como ao Seminário apresentado na disciplina Filosofia da Ciência II do curso de Filosofia da UFJF.

* Licenciado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pós-graduando em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF).

¹ Segundo a classificação taxonômica atual, todos estes são enquadrados na Ordem dos Primatas (LOPES, 2002, p. 12; 409), cuja divisão se dá em 16 Famílias. Ao longo do texto, Desmond Morris chega mesmo a afirmar que as características do macaco pelado o levaram a concorrer e incitar à eliminação todas as demais espécies de sua Família taxonômica.

Este é um argumento que, conforme seu autor, faz oposição a certa linha da antropologia que acredita encontrar em “tribos isoladas” algo mais próximo ao comportamento típico natural do homem.

O macaco nu (1996 [original: 1967]) trata, então, de algumas questões fundamentais do bicho-homem, buscando abordar temas que possam ser comparados com o comportamento de outras espécies. São capítulos do livro: Origens, Sexo, Crescimento, Exploração, Agressão, Alimentação, Conforto e Animais.

Deixadas de lado as implicações subjetivas (que são “estranhas” ao estudo zoológico ora pretendido), Morris nomeia seu animal alvo de estudos pela característica que salta aos olhos em observação preliminar: trata-se de um “macaco pelado”²: “Encarado simplesmente como exemplar zoológico num museu, o que salta à vista é a falta de pêlos³, fato que justifica que lhe conservemos o nome [...]” (p. 32). Trata-se de uma característica gritante e mesmo peculiar no reino animal. Na ordem dos primatas, há 192 espécies com revestimento piloso e 1, o homem, sem tal elemento. Portanto, “[...] existe qualquer coisa muito esquisita, e mesmo exclusivamente peculiar, na história evolutiva do macaco pelado” (p. 14).

A primeira parte do texto (Origens) (p. 11-38) trata mesmo da história evolutiva do macaco pelado, desde seu originário tronco insetívoro, passando pela conquista de novos territórios e respectivas adaptações, até as estruturas que se apresentam nos exemplares contemporâneos da espécie. É de destacar que

a base biológica de todo esse progresso reside no desenvolvimento de um cérebro suficientemente grande e complexo que permitiu que o macaco caçador evoluísse. [...] O macaco da floresta que se tornou macaco terrestre, que se tornou macaco caçador, que se tornou macaco territorial, acabou por se tornar macaco culto [...] (p. 18-19).

Quanto à condição pelada do bicho-homem, Morris retoma a pergunta (p. 32) e levanta as mais diversas hipóteses que já foram apresentadas. Primeiramente, o zoólogo mostra a dificuldade da questão, haja vista que estudos fósseis não podem contribuir neste caso – “[...] pelo que ninguém sabe ao certo quando se deu a grande queda do pêlo” (p. 32).

Há, portanto, diversas teorias. Uma delas liga a um processo de neotonia (p. 32-33) – isto é, “[...] um processo [...] pelo qual certos caracteres juvenis ou infantis são mantidos e prolongados na vida adulta” (p. 26). Mas isso explicaria o *como* do processo, e não o *porquê* de sua evolução biológica, ou seja, sua importância evolutiva.

² É curioso notar o estranho uso de “O macaco nu” como título do livro, sendo que, no texto, na tradução de Hermano Neves, a expressão constantemente usada é “macaco pelado”.

³ A tradução utilizada como base para este texto é anterior ao Novo Acordo Ortográfico, cuja Base IX estabelece que não mais há acento gráfico para diferenciação de palavras homógrafas. Contudo, optei por manter o acento neste caso, tanto nas citações (que ficam, assim, *ipsis litteris*) quanto nas demais ocorrências. (AZEREDO, 2008, p. 56).

Outra explicação seria a de que a perda dos pêlos teria se dado para evitar alguns parasitas cutâneos (p. 33-34). Nesta linha, falou-se ainda do risco de acumular sujeira no próprio corpo, ao se alimentar, se este fosse revestido de pêlos (p. 34). Em ambos os casos, não há constituição de um forte motivo para a perda de um revestimento que também oferece vantagens.

O uso do fogo também ajuda a constituir uma hipótese: o macaco pelado, a partir do momento em que passou a ter “[...] o luxo de se sentar em volta da fogueira, podia dispensar os pêlos e suportar melhor o calor durante o dia” (p. 34).

Mais uma interessante hipótese aventada é a de que, em seu processo evolutivo, o macaco pelado talvez tenha passado por uma fase aquática. Isso explicaria algumas características peculiares do macaco pelado: suas habilidades aquáticas (trata-se de um animal relativamente ágil na água); a orientação dos finos pêlos das costas (que seguem a direção da corrente de água sobre um corpo); a peculiar – e única entre os primatas – camada de gordura subcutânea; o tipo sensitivo das mãos (necessária para encontrar comida na água); e, por fim, os lapsos da história evolutiva do homem poderiam estar envolvidos com esta questão. Os fósseis da referida fase aquática estariam perdidos e, assim, suas características, o que estabelece um hiato entre a fase anterior e a posterior nos registros paleontológicos (p. 34-35). Infelizmente, a teoria da fase aquática nunca foi cabalmente demonstrada.

Figuram ainda, neste verdadeiro leque de hipóteses explicativas da condição pelada do bicho-homem, duas ligadas à questão social: uma que afirma ser característica para reconhecimento mútuo no seio da espécie e outra para identificação do parceiro sexual (considere-se aqui a forte ligação dos casais apresentada pelo macaco pelado, de que se falará mais detalhadamente a seguir). São teorias fracas, contudo, assim como aquela que liga a ausência de pêlos à importância do tato nas relações sexuais. Por fim, sobre este tema, Desmond Morris afirma:

A única explicação plausível talvez responda melhor do que qualquer outra a todos os problemas da nossa ausência de pêlos. A diferença fundamental entre um macaco caçador e os seus rivais carnívoros reside nas condições físicas que não favorecem muito nem grandes corridas de velocidade, nem corridas de fundo, embora ele tivesse de se adaptar a esse tipo de atividades. Conseguiu-o em virtude de ter um cérebro mais desenvolvido, que lhe permitiu efetuar manobras mais inteligentes e utilizar armas mais eficazes, mas, apesar de tudo, tinha de despender um enormíssimo [sic] esforço físico. A caça era tão importante que o macaco caçador não teve outro remédio senão adaptar-se, mesmo que tal atividade lhe produzisse um considerável aumento de temperatura. Era, pois, fundamental encontrar maneira de o reduzir, mesmo que isto implicasse outros sacrifícios. Tratava-se de uma questão de sobrevivência. E esse deve ter sido o principal fator que levou a transformação do macaco caçador peludo em macaco pelado. A solução era viável através de um processo neotênico que implicaria igualmente outras vantagens secundárias atrás mencionadas. Ao mesmo tempo que perdia o revestimento piloso e aumentava o número de glândulas sudoríparas em toda a superfície do corpo, conseguia um arrefecimento considerável – sobretudo nos momentos culminantes da caça [...]. [Portanto] A combinação da redução dos pêlos, do aumento das glândulas sudoríparas e da camada adiposa subcutânea parece ter proporcionado aos nossos extraordinariamente ativos antepassados exatamente aquilo de que eles precisavam, visto que a caça era um dos aspectos mais importantes do seu modo de vida (p. 37-38).

Isto posto, o zoólogo passa a abordar o comportamento contemporâneo do macaco pelado, a começar pelo sexo (p. 39-75), e logo surgem interessantes observações.

Segundo Morris (p. 39), o comportamento sexual básico do macaco pelado ainda está muito relacionado com as características apresentadas por seus antepassados frugívoros, e a civilização moderna mais foi influenciada por tal comportamento do que o oposto.

Em termos zoológicos, Morris divide o comportamento sexual do macaco pelado em três fases: (1) formação de pares, vulgarmente conhecida como “namoro”; (2) fase pré-copulatória; e (3) cópula.

A primeira dessas fases (1) caracteriza-se por uma espécie de “experimentação” das reações sexuais do parceiro. Assim, os espécimes apresentam comportamento ambivalente, e se utilizam de complexas expressões faciais, corporais e vocalizações. Trata-se de uma etapa relativamente longa, se comparada com o geral do universo zoológico. Desenvolve-se frequentemente em público, o que não é o comum das demais etapas (p. 40-41).

A fase (2) pré-copulatória, em geral, desenvolve-se isolada do grupo social, e é caracterizada pela intensificação dos contatos pele-pele, com intensa estimulação tátil, por vezes oral, e ocorre, no mais das vezes, com os espécimes em posição horizontal e sem as típicas coberturas das roupas. A curiosa perspectiva zoológica apresenta, entre outras, esta descrição peculiar do beijo (ou contato boca-boca):

Os contatos boca-boca atingem frequência [sic] e duração máximas durante essa fase e a pressão exercida pelos lábios pode variar [...]. No decurso das respostas muito intensas, os lábios abrem-se e a língua penetra na boca do comparsa. Surgem então movimentos ativos da língua, para estimular a mucosa sensitiva do interior da boca (p. 41).

Outrossim, um dos típicos comportamentos desta fase pré-copulatória é assim descrito: “A fêmea pode agarrar o pênis do macho, ou agitá-lo ritmicamente, imitando os movimentos da cópula, e o macho pode estimular da mesma forma os órgãos genitais da fêmea, especialmente o clitóris, também muitas vezes com movimentos rítmicos” (p. 41-41).

Quanto à cópula (3) propriamente dita, relativamente mais curta, “[...] começa pela introdução do pênis do macho na vagina da fêmea. Em regra, o ato se realiza com os dois comparsas virados um para o outro, o macho sobre a fêmea, ambos em posição horizontal, a fêmea com as pernas afastadas” (p. 42). Deve-se considerar que há muitas variações desta posição, e isto também faz parte da estrutura inventiva do macaco pelado.

Ao que tudo indica, entre os exemplares femininos dos primatas, a macaca pelada é a única dotada de capacidade de atingir o orgasmo, e isto é uma observação crucial do ponto de vista biológico: há dois fatores importantes ligados ao orgasmo feminino. Primeiro, a recompensa

proporcionada; segundo, o aumento considerável das possibilidades de fecundação (p. 58-59). Segundo Morris, a espécie humana estabeleceu, em determinada fase de sua evolução, a necessidade de forte formação de pares, casais [quase totalmente⁴] monogâmicos, a fim de garantir cooperação, adequada criação da prole e possibilidade de divisão sexual de tarefas (a caça para os machos e o cuidado com os filhos para as fêmeas). Assim, foi biologicamente favorável que a mulher tivesse recompensa prazerosa no ato sexual, elemento que, combinado com a forte identificação dos parceiros, advinda do sexo face-a-face (entre outros fatores), faz com que o orgasmo feminino fortaleça a ligação dos casais. Além disso, o fato de a macaca pelada se locomover em posição ereta, aliado à posição do canal vaginal, faria com que ela, caso pudesse sair caminhando após o sexo como se nada tivesse acontecido – como fazem as demais primatas – eliminasse boa parte do esperma depositado. A exaustão física originada no orgasmo tende a manter, por algum tempo, a mulher deitada, conservando-o em seu canal.

São ainda objetos da análise zoológica de Morris as alterações físicas provocadas pela estimulação sexual (p. 43-46), tais como sudação, ruborização, além de outras, como o aumento das dimensões do órgão sexual masculino, cuja ereção “[...] origina um pênis maior do que o de qualquer outra espécie de primatas atuais” (p. 45).

“O macaco pelado teve de criar capacidade para se apaixonar, para se ligar sexualmente a um companheiro fixo, para se acasalar” (p. 49). Neste pressuposto, Desmond Morris estabelece sua análise de como o comportamento sexual até então descrito serviu para garantir a sobrevivência da espécie.

E mais um elemento polêmico do estudo sobre o comportamento sexual do ponto de vista biológico aparece:

A grande importância da cópula na nossa espécie relaciona-se manifestamente, não com a descendência, mas com a consolidação da ligação entre os pares, através das recompensas mútuas entre os dois parceiros sexuais. Neste caso, a obtenção repetida da satisfação sexual num par unido não é um vício decadente e requintado da civilização moderna, mas uma sensata tendência evolutiva da nossa espécie, que tem profundas raízes biológicas (p. 50).

Sob esta visão, compreende-se a adaptação do macaco pelado à possibilidade de atividade sexual a quase qualquer tempo, não tendo um período limitado à época fértil. Além disso, diversas estruturas do corpo humano foram desenvolvidas com fins sexuais, e são citados os lobos das orelhas, o nariz, os lábios, as mamas das fêmeas, etc. “Podemos assim resumir dizendo que, no comportamento do apetite como da consumação, se fez todo o possível para aumentar a sexualidade do macho pelado e para assegurar o êxito da evolução do acasalamento num grupo de mamíferos em que esse comportamento era desconhecido” (p. 60).

⁴ Morris não deixa de contemplar o desenvolvimento incompleto do sistema monogâmico, e aponta até mesmo para relativas vantagens evolutivas de tal processo.

O biólogo Morris ainda trata de diversos outros temas ligados à sexualidade do macaco pelado, tais como a prostituição, o homossexualismo, as restrições e os atrativos estabelecidos, cuja análise se fundamenta no que já foi exposto.

No capítulo sobre o crescimento (p. 77-94), apresenta-se uma análise básica do crescimento dos macacos pelados, desde as alterações ocorridas com a fêmea a partir da fecundação, até as diversas etapas e variados fatores que se apresentam ao longo da vida do animal. Neste capítulo são contemplados temas como a enorme capacidade de aprendizado do macaco pelado, incluindo o campo vocal, a forma como o riso, o sorriso e o choro desenvolveram-se e sua base estritamente biológica, a ligação mãe-filho, entre outros.

É crucial, no processo de crescimento do macaco pelado, sua aguçada curiosidade. Este é, inclusive, o foco do capítulo seguinte (Exploração) (p. 95-107). Nas palavras do autor, “Todos os mamíferos têm um forte instinto exploratório, que é no entanto mais crucial para uns que para outros. Na verdade, tal instinto depende muito do grau de especialização atingido por cada espécie no decurso da respectiva evolução” (p. 95). Sendo o macaco pelado uma espécie de “especialista na não-especialização”, ele não está restrito a uma determinada forma de vida, mas tende à exploração, que se dá, inclusive, como via da adaptação.

Esta atração pela novidade (neofilia), porém, se equilibra, no homem, com uma certa tendência a se manter no “mundo conhecido”, isto é, uma certa restrição à novidade (neofobia). É este equilíbrio o responsável pela crescente adaptação do homem sem que ocorram mudanças bruscas que possam colocar em risco sua própria existência, segundo Desmond Morris.

Entre as atividades de exploração e experimentação que o macaco pelado desenvolve, são citados: o desenho (p. 97), o ato de musicar (p. 100), a dança e a ginástica (p. 101), bem como a escrita (p. 102).

No que concerne à agressão (p. 109-138), a obra *O macaco nu* aponta que, na espécie, existem três formas principais, ligadas, respectivamente, à defesa de um território comum, à defesa territorial da unidade familiar dentro do território do grupo, e à manutenção pessoal, individual, de posições hierárquicas.

Desmond Morris elenca, como fez no caso de outras situações vivenciadas pelo macaco pelado, a série de modificações extraordinárias que ocorrem no corpo do animal quando este encontra-se em situação de tensão agressiva, isto é, quando seu corpo se prepara para a luta.

Ocorre, contudo, mesmo após o grande preparo perpetrado pela estrutura corporal, uma forte tendência à ritualização do combate, em que as ameaças e contra-ameaças tendem a substituir a luta propriamente dita. Isso se dá pela exibição das características adquiridas pelo corpo no momento de preparo para o combate, bem como com gestos cada vez mais ritualizados – cita-se, por exemplo, a elevação do punho fechado.

Fisiologicamente, o preparo para o combate leva a um conflito interno no sistema biológico do macaco pelado. Se, por um lado, todo o corpo está sendo preparado para a intensidade do combate iminente, por outro lado há uma forte tendência ao apaziguamento, de forma que, biologicamente, existem movimentos opostos. Tais situações levam a reações as mais diversas. Se, ao preparar-se para a luta, o macaco nu tende a empalidecer, posto que o sangue é direcionado mais às atividades musculares, quando há estímulo de apaziguamento, pode ocorrer intensa ruborização. Da mesma forma, o preparo leva à continência urinária e fecal mas, ao ocorrer o impulso contrário, podem advir incontroladas defecações ou torrentes de urina.

A análise da agressão no seio da espécie ora estudada também contempla a execução de “atos deslocados”, isto é, ações relativamente despropositadas nos momentos de combate mas que permanecem ocorrendo em função da estrutura biológica. São exemplos: as coceiras surgidas inesperadamente em momentos de tensão, a tendência a “limpar o rosto” ou os óculos, os movimentos assemelhados aos sexuais ou de alimentação, etc. Também os “atos de redireção” são estudados: murros dados em objetos inanimados ou outros alvos não primariamente ligados aos motivos da tensão agressiva do momento.

Como parte da ritualização dos combates, Desmond Morris chama a atenção para os gestos de apaziguamento por parte do vencido:

Essas manifestações de submissão atuam de várias maneiras. Basicamente, ou extinguem os sinais que desencadearam a agressão, ou estimulam sinais não agressivos. A primeira categoria de sinais serve apenas para acalmar o animal dominante, enquanto a segunda contribui para mudar ativamente a sua disposição [agressiva] (p. 117).

Diante deste cenário, o zoólogo-autor faz uma significativa colocação: as ritualizações dos combates, bem como a tendência natural a submeter o vencido, e não exterminá-lo, foi uma importante conquista do processo evolutivo, de forma a garantir a sobrevivência da espécie, sobretudo quando se trata de um animal altamente cooperativo como o macaco pelado:

As imagens das carnificinas da natureza diziam originalmente respeito às atividades brutais dos carnívoros na matança da caça, mas foram incorretamente generalizadas a todo o campo da luta animal. Nada se podia afastar mais da realidade. Se uma dada espécie deve sobreviver, não pode dar-se ao luxo de permitir que os respectivos membros se exterminem entre si. A agressão no seio da espécie tem de ser inibida e controlada e quanto mais poderosas e selvagens sejam as armas de caça mais se tem de restringir o respectivo uso para acalmar rivalidades. É essa a verdadeira “lei da selva”, que regula as discórdias territoriais e hierárquicas. As espécies que não cumpriram essa lei deixaram de existir há muito tempo (p. 118. Grifo meu).

O ponto crucial da apresentação do tema da agressão feita por Morris é, sem dúvida, a forma como tal comportamento se insere no cotidiano de vivência do macaco pelado, em que as mais simples relações hierárquicas e territoriais são ainda submetidas ao seu defensivo instinto biológico.

Entretanto, “[...] nós não evoluímos para viver em monstruosas aglomerações de milhares de indivíduos. O nosso comportamento foi concebido para agir em pequenos grupos tribais, provavelmente com menos de cem indivíduos” (p. 137). Assim, a tensão agressiva do macaco pelado está aguçada na sociedade moderna, haja vista que sua genética e sua estrutura biológica não estão adaptadas à relação com tantos estímulos no seio de gigantescas aglomerações.

Quanto à alimentação (p. 139-147), o autor retoma a trajetória do macaco pelado, desde seus primórdios frugívoros até a rápida (em termos evolutivos) adaptação à caça e, na contemporaneidade, as atividades substitutivas da mesma: o trabalho, as simulações de caça, os agrupamentos masculinos (como grupos de caça).

Morris mostra como as atividades da caça, anteriormente tão importantes, foram substituídas pelo trabalho, mas afirma que a tendência àquela atividade permanece inerente à biologia do macaco pelado, o que o leva ao exercício dos referidos substitutivos.

Quanto à dieta do animal ora estudado, o zoólogo só relembra o que havia afirmado no capítulo sobre a origem: a permanência das tendências primatas, associada à excelente adaptação a alimentos oriundos da caça, fez com que o organismo do corpo humano ficasse aberto às mais diversas fontes de alimentação. Assim, a dieta do macaco pelado é, em potencial, altamente diversificada.

Também vale a pena analisar por que aquecemos a comida e a comemos antes que arrefeça. Há três explicações possíveis. Uma, porque ajuda a estimular a “temperatura da presa” [...]. Outra explicação é que nós temos os dentes tão fracos que somos obrigados a cozinhar a carne para a “tornar mais tenra”. Mas isto não explica por que a comemos enquanto ainda está quente, ou por que aquecemos muitos alimentos que não necessitam de ficar tenros. A terceira explicação é que o sabor da comida aumenta quando se aquece [...] (p. 143).

O capítulo seguinte trata do conforto (p. 149-161). Nele, não há uma análise direta das estruturas biológicas do macaco pelado com relação ao tema, visto que elas foram difusamente contempladas em outras passagens do livro. O foco recai sobre aspectos comportamentais ligados ao conforto. Mas há a prévia afirmação biológica:

O ponto em que se exerce a ação direta do ambiente sobre um animal – isto é, a superfície do corpo – sofre um embate bastante áspero durante a vida de cada qual. Chega a surpreender como a superfície do corpo resiste tão bem. Essa resistência é devida a um maravilhoso sistema de renovação dos tecidos de revestimento e também a um certo número de atos que visam o conforto e que mantêm o corpo limpo. Em geral, nós consideramos essas ações de limpeza bastante insignificantes, quando as comparamos com outras atividades tais como a alimentação, a luta, a fuga e o acasalamento, esquecendo que elas são fundamentais para um bom funcionamento do corpo (p. 149).

Desmond Morris faz uma recapitulação do social hábito de “catação” entre os primatas, e em seguida, voltando-se à espécie pelada, afirma que existem uma série de atitudes típicas que não

são senão reflexos mais ou menos adaptados daquele típico comportamento primata – não só como medida higiênica, mas também com um contexto social.

O autor inclui uma série de interações sociais dos espécimes de macaco pelado sob a designação de “conversa catadora” (p. 153), sendo esta a principal substituta da catação primata. Mas não é a única: são elencadas, então, tanto a ida ao cabeleireiro (p. 155) quanto a assistência médica (p. 156), na gama de atitudes ligadas, de alguma forma, à catação.

Adquirimos ainda um certo número de hábitos culturais especializados, dos quais o mais vulgarizado é o da lavagem com água. Esta é rara nos outros primatas, embora algumas espécies se banhem uma vez por outra, mas, entre nós, o hábito mantém o principal papel de limpeza do corpo na maioria das comunidades (p. 159).

Conforme afirma o biólogo, há vantagens e desvantagens neste hábito da limpeza com água. Ao mesmo tempo em que são eliminadas as sujeiras e alguns parasitas, há também eliminação de parte da cobertura biológica naturalmente criada pelo corpo humano.

Ainda sob o estudo do conforto, Desmond Morris aborda a questão da temperatura corporal. Nos macacos pelados, há regulação biológica da mesma, que se mantém, em condições normais, bastante estável. Mas, “como a nossa espécie se espalhou sobre toda a superfície terrestre, os mecanismos biológicos de regulação da temperatura foram completados com importantes medidas culturais” (p. 160). Vestimentas, uso do fogo, aparelhagem para gerar aquecimento ou arrefecimento – todos estes elementos atuam no auxílio da regulação de temperatura do bicho-homem.

O último capítulo do livro é o que trata da relação do macaco pelado com os demais animais (p. 163-182). Nenhum animal pode sobreviver sem estabelecer um certo número de relações com indivíduos de outras espécies.

Podem encarar-se os outros animais de cinco maneiras diferentes: como presas, como simbioses, como competidores, como parasitas, ou como perseguidores. No caso da nossa espécie, estas cinco categorias podem resumir-se a um critério “econômico” de encarar os animais, ao qual se podem acrescentar os critérios científico, estético e simbólico (p. 163).

O macaco pelado, como grande explorador que é, e altamente passível de adaptação, tem uma gama realmente enorme de presas. É preciso referir que há grande tendência à domesticação de certas espécies consideradas “presas selecionadas” (p. 163-164).

Quanto aos simbioses, o clássico exemplo é o cão. Ao que tudo indica, a domesticação deste animal pelo macaco pelado deve ter se dado há pelo menos dez mil anos. As habilidades dos cães para a caça, bem como para a segurança territorial, fizeram com que se estabelecesse uma eficiente relação simbiótica. “Através de reprodução seletiva prosseguida durante muitas gerações

eliminaram-se os cães mais turbulentos e obtiveram-se raças de cães domesticados, cada vez mais controláveis” (p. 165).

Outra forma largamente utilizada no quesito simbiose foi a de colocar animais na função de transporte de cargas, como os bovinos, cavalos, entre outros. Deve-se frisar que, na relação simbiótica, há ganhos de ambos os lados: se o macaco pelado submete alguns animais, também oferece a eles meios de sobrevivência, de forma que a manutenção da relação oferece ganhos para ambas as partes envolvidas.

Outra categoria de simbiose diz respeito a muitas espécies utilizadas como fonte de produção. Os animais não são mortos, pelo que não podem considerar-se presas. Apenas se lhes extraem certas partes: o leite das vacas e cabras, a lã dos carneiros e alpacas, os ovos das galinhas e patas, o mel das abelhas, e a seda dos bichos-da-seda (p. 167).

Os competidores, parasitas e perseguidores, para o caso do macaco pelado, têm, na afirmação de Morris, uma situação sombria. A alta capacidade adquirida pelo bicho-homem fez com que todos os efetivos competidores fossem ou submetidos ou exterminados. No caso dos parasitas, os avanços da medicina têm os suprimido frequentemente. Por fim, o macaco pelado nunca foi base fundamental de alimentação para qualquer espécie, o que o impediu de ter consideráveis perseguidores (p. 168-169).

As atitudes científica e estética são manifestações do nosso poderoso instinto exploratório. [...] A atitude simbólica é completamente diferente. [...] Os animais são aqui utilizados como personificação de conceitos. Se uma espécie parece feroz, torna-se um símbolo guerreiro. Se parece desajeitada e meiga, torna-se um símbolo infantil. Pouco interessa que seja genuinamente feroz ou genuinamente meiga (p. 169-170).

Aqui são apontadas as tendências à antropomorfização típicas do homem. Um divertido exemplo colocado por Morris é o de que mesmo um cientista dos mais sérios, por vezes, não resiste a afagar seu cão dizendo “Olá, rapaz”, mesmo completamente ciente da ineficácia de tal tentativa de comunicação. Quanto à apreciação de certos tipos de animais, as pesquisas em que o autor do livro se baseia levam ao estabelecimento de dois princípios gerais, que comportam, naturalmente, casos de exceção: “A popularidade do animal varia na razão direta do número dos respectivos aspectos antropomórficos” e “A idade da criança é inversamente proporcional ao tamanho do animal preferido” (p. 174). A repulsa a algumas espécies, como se presume, segue a linha oposta principalmente ao primeiro destes princípios.

Eis, portanto, um zoológico retrato do homem, sob a pena de um perspicaz estudioso, cujas afirmativas às vezes surpreendem, às vezes causam estranhamento (e, em certos casos, até negação), mas que contribuem para pensar a condição do homem, sob um prisma que, conforme

afirma o próprio autor, não deveria nunca ter sido abandonada ou escamoteada, por ser sua mais pura condição: a natural condição de animal.

REFERÊNCIAS

Básica:

MORRIS, Desmond. **O macaco nu**: um estudo do animal humano. 13. ed. Tradução de Hermano Neves. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Complementar:

AZEREDO, José Carlos (coord.). **Escrevendo pela nova ortografia**: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa / Instituto Antônio Houaiss. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

HUXLEY, Julian. **Ensaio de um humanista**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1977. (Bolso Labor).

LOPES, Sônia. **Bio**: volume 2 – introdução ao estudo dos seres vivos. São Paulo: Saraiva, 2002.